

A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ COMO BASE PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS NA INTERAÇÃO SOCIAL — UM ESTUDO DE CASO

Nilzete Cruz Silva

Psicóloga. Prof. Auxiliar – UNEB/CESCON
Mestranda em Psicologia Social-USP

RESUMO — *Este estudo busca mostrar como a atitude amorosa, ou não, nos primeiros meses de vida pode levar o indivíduo na idade adulta a um processo identificatório positivo ou negativo: primeiro em relação à mãe e, posteriormente, a outras pessoas. Em um estudo de caso procura-se identificar esses aspectos num paciente que, ao modificar a relação com a mãe, também modifica suas relações interpessoais.*

ABSTRACT — *This study tries to show how affection, or lack of it, in an individual's early life can give origin to identity problems in adult age, either positive or negative ones: first, in connection with mother, then in relation to other people. By means of a case study, some aspects are identified in a patient who, modifying the relationship with his mother, modifies his relation with the others.*

O comportamento do indivíduo adulto, em seus mais diversos aspectos, pode ser analisado a partir das suas vivências, desde o nascimento.

A relação com o primeiro objeto, que é a mãe, e mais a relação com o mundo externo levarão à formação da sua identidade. Melaine Klein enfatiza o papel da mãe como representante do mundo exterior para o recém-nascido:

tudo o que é bom — calor, alimento, modo amoroso de segurá-lo — quanto o que é mau — frustração, desconforto e dor — vêm a sua mente como provindos dela, o que leva a uma dupla atitude (amor e ódio) em relação à mãe, mesmo sob as melhores condições possíveis. (M. KLEIN, 1939).

Todos os objetos bons e maus vão sendo incorporados ao *self* através de introjeções, e a predominância de um ou de outro, dependendo da intensidade com que a criança vivencia cada experiência:

a probabilidade de o bom objeto vir a ser parte relevante do *self* depende, em alguma medida, de não serem demasiados intensos a

ansiedade persecutória e o ressentimento conseqüente. Ao mesmo tempo, uma atitude amorosa por parte da mãe contribui muito para o sucesso desse processo. (op.cit.).

Essa atitude amorosa permite um processo identificatório positivo da criança em relação à mãe, facilitando também sua identificação com outras figuras boas e amistosas, resultando na predominância de objetos e de sentimentos bons em seu mundo interno. Todas essas variáveis contribuem na estruturação de uma personalidade estável; esse indivíduo será capaz de “estender compreensão e sentimentos amistosos a outras pessoas” (M. KLEIN, 1939).

As experiências vividas pela criança na sua atuação sobre o mundo que a cerca têm uma grande importância através de toda a vida, mas dependem de como são interpretadas e assimiladas por ela. Essa interpretação, por sua vez, depende enormemente da intensidade com que operam os impulsos destrutivos e as ansiedades persecutórias e depressivas. Assim, as respostas ou reações da vida adulta podem ser influenciadas por aquelas atitudes anteriores, ou seja, podemos lidar com os infortúnios de forma equilibrada ou transformarmos qualquer acontecimento banal em verdadeira tragédia.

Para Klein, a criança pequena tem uma reação pronta e intensa contra qualquer frustração, valorizando mais os aspectos negativos do que os positivos das atitudes em relação a ela, vindas do ambiente. Isso provocará uma projeção de suas queixas nas pessoas que a cercam. Essa projeção hostil fica evidente no adulto que tende a colocar a culpa de toda sua infelicidade e de todas as suas dores no mundo externo, ao contrário daquele que é capaz de recuperar o equilíbrio, logo após um ressentimento, pois consegue identificar o quanto ele contribuiu para a sua própria dor. A própria Klein assim esclarece:

A capacidade para o amor e a devoção, primeiramente em relação à mãe, desenvolve-se de muitas formas em devoção a várias causas sentidas como boas e valiosas. Isso significa que o prazer que o bebê foi capaz de vivenciar no passado por sentir-se amado e amoroso, transfere-se mais tarde na vida, não somente às suas relações com pessoas, o que é muito importante, mas também ao seu trabalho e a tudo por que ele sente que vale a pena lutar. O que significa também um enriquecimento da personalidade e a capacidade de usufruir de seu trabalho e abre uma variedade de fontes de satisfação. (op.cit.).

A construção da identidade é descrita por Jurandir Costa em *Violência e identidade*, referindo-se a Erickson, como

o sentimento experimentado pelo sujeito de que sua existência apresenta uma constância e continuidade perceptíveis internamente, por ele próprio, e, externamente, pelos outros.

Também refere-se ao conceito de identidade formulado no trabalho como apoiado em duas referências básicas. “O corpo e o conjunto de papéis sociais”. Ele quer dizer que existe uma relação intrínseca entre a imagem do corpo ou os estímulos originados no corpo e a condensação dos papéis desempenhados pelo indivíduo em sua interação social.

Estudando o caso de uma paciente — descrito a seguir — pode-se compreender a veracidade desses sentimentos descritos, baseados no fato de que a relação com uma mãe extremamente rígida e formal, que a privou de contato físico, contribuindo para a predominância da ansiedade persecutória, estruturou sua personalidade, seguindo exatamente todo o processo proposto por M. Klein. Analisando as situações trazidas pela paciente, comprovamos que toda sua vivência, sua interação em casa e no trabalho, suas reações diante dos problemas existenciais e do dia-a-dia são determinadas, em grande parte, pela forma como se relacionou primeiramente com sua mãe.

Sílvia é uma mulher de 38 anos, nível socioeconômico alto, mas não desde o início de sua vida. É uma profissional altamente qualificada, com nível Ph.D. conseguido fora do País e vivência por dez anos, em vários países, em sua especialidade. É competentíssima e trabalha em uma instituição de grande prestígio onde ocupa um cargo de direção. É bonita, muito elegante e, óbvio, inteligente.

As queixas colocadas por ela, como passíveis de serem trabalhadas na análise, inicialmente, foram: dificuldades de relacionamento de uma forma geral e, mais especificamente, no trabalho onde estava tendo sérios problemas tanto com colegas do mesmo nível hierárquico quanto com seus subordinados. O clima na instituição é altamente competitivo e as pessoas, em função da sua maneira de agir rígida, e exigente, passaram a boicotar todo o seu trabalho, reter ou omitir informações, comprometendo todo o andamento da sua diretoria, num processo de retaliação bastante agressivo ao seu comportamento.

No decorrer da análise, algumas características de sua personalidade foram, aos poucos, tornando-se conscientes e trabalhadas: formalidade e rigidez excessivas; agressividade que é pronta e intensa diante dos erros dos outros e seus; perfeccionismo exagerado, o que a leva a exigir de todos um comportamento padrão, sem espaço para falhas ou erros. No trabalho, esse grau de exigência provoca um nível alto de *stress* em quem trabalha com ela, intensificando as dificuldades, à medida em que as pessoas sentem-se exigidas, rejeitadas, desprestigiadas e agredidas, pois, além disso, elas ainda são mantidas

à distância, através de um tratamento frio e impessoal. Reconhece que não tem condescendência diante da fraqueza e “burrice” dos outros, mostrando sempre o quanto é inteligente e competente e a mais preparada em termos de conhecimentos não só profissionais como gerais. Tem dificuldade em agradecer, pedir licença (quando o faz é em um dos 4 idiomas que fala) e em receber um favor, um presente ou um elogio de qualquer pessoa, além do constrangimento que demonstra, ao ser tocada por gestos de carinho em público.

Acredita-se com poderes de bruxa para prever acontecimentos futuros ou desvendar o passado num sentimento de onipotência que ultrapassa o plano concreto e do real. Toda essa rigidez e onipotência levam-na a uma situação de isolamento consciente e propositado (já que são poucas as pessoas que “merecem” fazer parte do seu mundo, de freqüentar sua casa e muito menos compartilhar sua intimidade) além de conseqüente, pois as pessoas também não se interessam em quebrar uma barreira tão fortemente imposta por alguém tão prepotente e antipatizado.

Tem, entretanto, um lado humano, generoso e bonito, que foi verbalizado por sua parceira, que procura esconder, como se ao mostrá-lo, estivesse descobrindo ao mundo toda a sua fragilidade. Esse lado vem à tona quando, diante de situações de abandono ou de ameaça de perda de um objeto querido e amado, ou de supostos erros no seu desempenho profissional entra em extrema depressão, a ponto de prostrar-se durante dias sem comer nem dormir, deitada, chorando, num quadro evidente de um bebê abandonado que espera a morte. Tem, em relação ao próprio corpo, sentimentos destrutivos: quando ansiosa por medo do abandono, da solidão, problemas graves no trabalho e insatisfação geral, ataca-o: come e engorda muito, bate-se a todo instante em móveis e paredes; quando em depressão profunda, quer destruí-lo: faz dietas rigorosas ou perde a fome e não come nada, faz cirurgias plásticas, verbalizando o desejo de morrer (caso algo saia errado) sem ser por suas mãos.

Acreditava, até os 38 anos, ter sido encontrada numa lata do lixo e adotada por seus pais e, por isso, não era amada por eles, o que aumentava seu sentimento de inferioridade.

Constatamos, após esse estudo, como a interação social pode ser afetada pelo inconsciente das pessoas, tudo o que está mais profundamente guardado e introjetado como resultado de nossas vivências pode determinar todo um padrão de comportamento, quando estamos interagindo com o meio. Quando se pensa em interação social, têm-se em mente relações entre pessoas que trazem consigo uma bagagem psicológica que vai determinar a qualidade dessa relação.

DEUTSCH & KRAUS(1980), citando S. Arsh, no livro *Teorias in Psicologia Social*, dizem que:

os acontecimentos psicológicos podem ter lugar em ambas as partes de uma relação. Cada uma das pessoas interrelacionadas pode perceber, pensar, sentir, desejar e atuar. Mais ainda: cada pessoa pode perceber que os outros percebem e atuam e que estas percepções e ações podem estar sendo referidas a ela. A capacidade de ter consciência do outro e de ser afetado por ele como ser psicológico, implica em que em uma relação psicossocial, os fatos psicológicos sejam influenciados pelas atividades psicológicas percebidas ou antecipadas dos outros.

Acrescentam que

para entender os acontecimentos psicológicos que têm lugar na interação humana, é necessária uma compreensão da ação recíproca dos mesmos com o contexto social em que ocorreram.

O que podemos dizer, em relação à paciente, é que nela não foi desenvolvido o sentimento de alteridade; não existe a consciência do outro como um ser que deseja, que sente e que atua na outra parte da interação. O outro é apenas alguém que existe para obedecer e satisfazer seus desejos: das brincadeiras infantis, nas quais era sempre a líder que amedrontava e devia ser obedecida, até sua postura como diretora de uma instituição, a reprodução do modelo introjetado fica evidente.

Pode-se detectar também que, subjacente à identificação com uma mãe poderosa e fria, existe uma raiva inconsciente pela falta de amor e a tentativa constante de triunfar sobre essa mãe, quando deixa clara a sua admiração pelo pai submisso ou quando escolhe como objeto de amor alguém do mesmo sexo cuja relação representa a mesma de mãe-filha: ela tem com a parceira cuidado amoroso que se dá a um bebê e que deveria ter sido dado a ela, mas ao mesmo tempo um relacionamento sexual sádico, como uma forma de puni-la por receber algo que ela própria não recebeu.

A relação de autoridade e onipotência no ambiente profissional também sugere que a origem pode estar na sua relação objetal primária, visto que Melanie Klein descreve os sentimentos de onipotência do bebê, quando ele acredita que tudo que necessita provém dele mesmo e que é necessário um processo de difusão mãe-criança, para que ele ultrapasse essa fase e reconheça, sem inveja, a mãe como provedora de suas necessidades. Caso contrário, a onipotência, o narcisismo exacerbado serão determinantes na construção da sua identidade.

O que podemos observar, aqui, é exatamente um reflexo desse processo: Sílvia acredita-se auto-suficiente, capaz de viver sem que o outro participe com

qualquer tipo de ajuda; acredita ter poderes de uma bruxa e ser muito inteligente, competente, superdotada, etc..

As atitudes agressivas, por outro lado, geram um sentimento de culpa muito grande, mas não há reparação na maioria das vezes; quando há, não é feita em função do outro, mas pelo medo de ser punida ou “vingada”, recebendo o castigo merecido. Esta dificuldade é tão grande que, pedir desculpas, perdão ou licença, é feito em outro idioma, mostrando que, ao falar em outra língua, palavras que simbolizam um gesto de amor ao outro, ela, na verdade, não está falando de amor, pois o outro quase sempre não sabe o significado de tais palavras. A linguagem do amor e do carinho não foi aprendida dentro do seu próprio idioma, logo ela não pode ser demonstrada.

O processo de análise tem ajudado muito a essa paciente. Pode-se observar uma luta interna e externa para modificar seus comportamentos. À medida que ela foi tomando contato com a mãe boa, que pensava não existir; que foi descobrindo que o amor da mãe sempre foi expresso de outras formas que não o contato físico, que suas reações, seu comportamento agressivo prejudicavam suas relações, houve uma melhora progressiva em toda sua vida: visita a mãe com mais frequência e mantém com ela conversas mais pessoais; está mais comedida nas reações agressivas tanto no trabalho como socialmente, já esclareceu a dúvida sobre se é filha verdadeira (que inconscientemente sabia que o era, mas seria doloroso demais saber antes que era verdadeira e não era amada); a relação de possessividade com a parceira diminuiu; os processos depressivos estão mais raros e quando acontecem as reações são menos trágicas, mais equilibradas levando-nos a constatar que, à medida em que ela foi descobrindo o amor da mãe, está podendo generalizá-lo para outras relações, para outras pessoas, ainda num nível superficial e frágil, mas decisivo.

A partir do estudo desse caso, e de todas as questões que foram levantadas, podemos concluir que a interação social depende basicamente da identidade dos indivíduos e que só será possível e saudável se essa identidade foi construída sobre a base do amor, ou seja, baseada em identificações com modelos saudáveis, que forneçam subsídios fortes para a estruturação da personalidade, mas com vistas ao amor; que esta personalidade permita ao indivíduo ver o outro como *alter*, e que ele se torne um sábio, um humanista. Isso representa uma forma revolucionária para a educação dos futuros adultos da nossa sociedade. E quanto aos atuais adultos, que não podem voltar no tempo e modificar os processos pelos quais passaram na infância ?

MONEY-KYRLE, ao falar sobre Psicanálise e ética, afirma que

as nossas preferências morais ou políticas não são grandemente influenciadas pelos nossos conhecimentos a respeito de automóveis ou aviões, mas ambas são modificadas, às vezes profundamente, pelo nosso conhecimento do que é genericamente denominado as humanidades – ou mais especificamente, o conhecimento de nós próprios e de outras pessoas.

... a técnica que nos habilita a ampliar as fronteiras da nossa consciência é a Psicanálise,

e que as mudanças provocadas no indivíduo através da análise são o resultado da ajuda para que ele veja a verdade a respeito de si mesmo e que

aumentar nele essa espécie de sabedoria é a finalidade dominante do analista.

... o paciente aprende duas espécies de verdade a seu próprio respeito: primeiro, que possui muitos impulsos (que pareciam onipotentes na época em que não havia distinção entre sensação e idéia) criados primeiro e agora são mantidos por um mundo inconsciente de fantasias, o qual é uma distorção grosseira do mundo consciente da percepção sensorial. É esta última descoberta, penso eu, que acarreta a maior mudança em seu comportamento. (MONEY-KYRLE, 1969).

Assim, o auto-conhecimento pode levar à modificação dos comportamentos e, conseqüentemente, à modificação das relações interpessoais o que poderá causar uma transformação na sociedade. Ao nos conhecermos, ao descobrirmos os sentimentos (inveja, ciúme, etc.) que estão por trás das nossas atitudes, poderemos modificar nossas relações; ao assumirmos a visão do outro como um ser desejante, como alguém tão importante e tão merecedor de respeito quanto nós mesmos; quando pudermos transmitir amor em vez de ódio, nos tornaremos verdadeiros humanistas, modelos identificatórios saudáveis, cuja atuação em postos importantes na sociedade — família, escola, trabalho — permitirá que sirvamos de espelho para as novas gerações, que poderão transformar a sociedade onde não prevaleça a presença de Tânatos, mas a de Eros.

Constatamos que hoje, em nossa sociedade, as pessoas que ocupam postos-chave nas famílias, nas instituições e na política governamental, tornaram-se, na sua maioria, modelos nocivos, cujas mensagens revelam um desprezo total aos valores da ética e da moral, enquanto reguladores de relações de respeito e solidariedade. O que vemos são pessoas valorizando a trapaça, o engodo, a corrupção e a vantagem financeira acima de qualquer coisa. A utilização de meios escusos e imorais para alcançar um fim que é sempre, ou quase sempre, o poder: o poder de manipular, de decidir e de fazer as coisas em função de seus próprios interesses, sem pensar no interesse comum, numa

manifestação de violência social feroz e intensa que cresce na medida exata em que esses valores são disseminados e assimilados pelos indivíduos, revelando a presença da morte pairando sobre todos.

Como sair ou como impedir nossa sociedade de cair no precipício, senão pela formação de grupos de pessoas treinadas para oferecer um outro modelo e implantá-lo em lugares de destaque onde possam propagar uma nova ordem de amor e humanidade, começando pela família, escolas, instituições e espalhando-a por todos os lugares onde possa promover uma relação de “autoridade”, isto é, entre alguém que fale e pessoas que ouçam, que se identifiquem e que possam imitar? Só através de Eros será possível reverter esse processo tão desumano que vive nosso País onde a fome, a miséria e a morte de milhões de crianças e adultos, a violência policial e o crime contra a vida humana, entre outras barbaridades, passam tão despercebidos, tornaram-se tão comuns e banais que assustam e paralisam qualquer pessoa que tenha o mínimo de visão humanista do mundo, que tenha confiança no homem como um ser dotado de inteligência suficiente para perceber que tudo isso pode levar à destruição da sociedade, enquanto sistema organizado, e que acredita que é possível se fazer algo. O resgate do amor, como condição necessária para processos de mudança, pode levar-nos a um novo futuro.

Ao se constatarem essas mudanças numa paciente, que ao se conhecer melhor, ao descobrir o amor, mudou sua relação com o mundo, podemos ainda acreditar que mudanças podem acontecer na sociedade. Se em cada um se processarem mudanças, seja através do autoconhecimento ou através de modelos identificatórios saudáveis, o amor se propagará, as relações serão mais verdadeiras. O instinto de vida — Eros — prevalecerá sobre o de morte — Tânatos — e uma nova sociedade será possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEGÓIN, J. Violência, terror e sofrimento psíquico. In: COSTA, Glay. *Guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago. 1988. p.94-113.
- COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. cap. 3.
- DEUTSCH, M, KRAUS, R.M. *Teorias em psicologia social*. Barcelona: Paidós, 1980. cap.1.
- ENRIQUEZ, E. O trabalho da morte nas instituições. In: KAËS, R., et. al., *A Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1991. p. 79-102.
- ERICKSON, E. H. *Juventude e identidade-crise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987. p.53-79.
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. cap. 12
- MONEY-KYRLE, R.E. *Psicanálise e ética* In: Klein, M., P. Heimann, *Temas de Psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro, Zahar., 1969.